

Começa a Mostra
de SP com o
melhor do cinema

PÁGINAS 4 E 5



Zilá Lima recorre
à ancestralidade
em seu 1º álbum

PÁGINA 7



Louis Pasteur,
um gênio em
exposição no Rio

PÁGINA 8



2º CADERNO

Em biografia,
Di Cavalcanti é
retratado como
um homem de seu
tempo

Por Alessandra Monterastelli (Folhapress)

O funeral de Di Cavalcanti, em 27 de outubro de 1976, estava estranhamente vazio. Com o rosto coberto por um véu para esconder o desgaste físico provocado pela cirrose, o corpo, afundado em rosas vermelhas, jazia no saguão do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A amplitude do local agravou o vácuo causado pela ausência de intelectuais próximos ao pintor, como Vinicius de Moraes e Jorge Amado, que nem as presenças do arquiteto Oscar Niemeyer e da atriz Neila Tavares conseguiram atenuar.

Mas o clima lúgubre foi interrompido pela chegada do cineasta Glauber Rocha que, com uma pequena equipe, encarnou o diretor em um set de filmagens - de onde surgiu seu primeiro trabalho rodado no Brasil desde seu autoexílio, em 1971.

É com esse caso curioso que Marcelo Bortoloti inicia "Di Cavalcanti: Modernista Popular", mais completa biografia sobre o artista lançada até hoje, que sai pela Companhia das Letras.

Com frases como "agora dá uma panorâmica e enquadra o caixão no centro!", o diretor de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" não hesitou em levantar o véu para filmar o rosto cadavérico de Di Cavalcanti, consumido pela doença. Algumas pessoas tentaram intervir na ocasião, sem sucesso.

O resultado foi um curta-metragem, que



Di Cavalcanti diante de uma de suas obras em 1965

Um ícone polêmico do século 20

intercalou as cenas fúnebres com a leitura de poemas, notícias de jornal e histórias do pintor - e recebeu o prêmio de melhor curta-metragem no Festival de Cannes em 1977.

Expoente do cinema novo e seu compromisso nacionalista, Glauber tinha afinidade

com Di. Se o cineasta tentou traduzir o Brasil e seu povo, sem deixar de lado os problemas sociais, Di fez o mesmo através da pintura.

Mas, porque a cerimônia estava tão vazia? Afinal, o pintor já era consagrado no meio artístico pelo estilo inconfundível, que com

traços sinuosos e cores vibrantes, tinha preferência pelo povo na hora de preencher uma tela - pescadores, mulheres negras, o subúrbio, uma roda de samba, o Carnaval.

Para Bortoloti, a trajetória de Di Cavalcanti ilustra os movimentos da cultura brasileira no século passado. "A renovação da imprensa, a Semana de 22, a criação do Partido Comunista, os embates entre pintura figurativa e abstrata, a invenção do mercado de arte e a valorização das obras como mercadoria. Ele estava envolvido diretamente em tudo isso", destaca o biógrafo.

Sua personalidade extrovertida e sociável, que o levou a ser rodeado de gente em vida, às vezes podia irromper em acessos de raiva. "A figura de boêmio, rodeado de amigos e amantes, ajudou a valorizar a obra dele", diz Bortoloti.

Continua na página seguinte

Artista movido pelo **inconformismo**

Numa idade mais avançada, quando sua assinatura já valia muito, Di Cavalcanti foi acusado de não se preocupar mais tanto com o que pintava. “Ele estava precisando de dinheiro, então entregou sua obra ao mercado. As obras não eram feitas com o mesmo esmero, e ele passou a assinar qualquer coisa”, afirma Marcelo Bortoloti. “As pessoas esperam de um artista uma vida mais dedicada à arte, uma figura sofrida, uma coisa heroica que ele de fato não foi”, reforça o autor.

Em 1951, durante a primeira Bienal de São Paulo, que ainda era um território disputado pelas correntes artísticas, Di Cavalcanti intensificou uma luta que já havia tomado para si anos antes contra a arte abstrata.

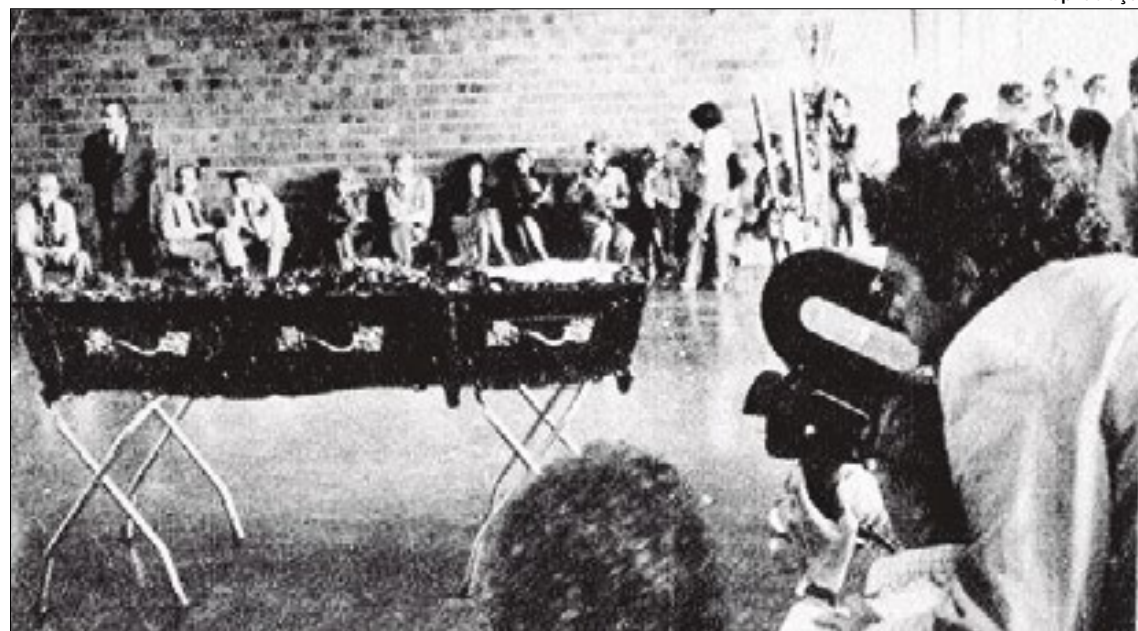
A posição do artista, que sempre fora figurativo, tinha também a intenção de se posicionar politicamente na Guerra Fria, visto que o Museu de Arte de Nova York, principal impulsionador da arte abstrata, também contribuía para a influência cultural expansionista americana.

A posição fez com que Di passasse a ser interpretado como um retrógrado, que se recusava a aceitar as evoluções naturais da arte. Era difícil para ele aceitar Nova York como novo polo artístico em substituição à Paris, a capital da arte do século 20, onde ele havia se formado como pintor.

Sua primeira viagem à capital francesa foi em 1923, como correspondente do Correio da Manhã, pouco depois de sua participação na Semana de Arte Moderna de São Paulo. Na Europa, foi influenciado pelas vanguardas, e voltou obstinado a buscar uma identidade nacional brasileira.

Morou em um estúdio em Montparnasse, bairro humilde e boêmio de artistas como Marcel Duchamp e Alberto Giacometti, em contraposição a Montmartre, onde ficavam hospedados artistas mais abastados -a exemplo de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral naquele momento.

Ali, cresce um incômodo para Di Cavalcanti que já havia se ma-



Reprodução

Amigo de Di Cavalcanti, Glauber Rocha irrompeu o funeral do pintor no MAM-Rio, em 1976, para produzir um de seus mais polêmicos e geniais curta-metragens

Reprodução

**Samba (1925)**

Reprodução

**Candangos (1960)**

nifestado em São Paulo. Nascido no Rio de Janeiro, Di se tornou um frequentador assíduo da boêmia carioca em sua mocidade, sendo

muito influenciado por João do Rio e Lima Barreto.

Mas São Paulo crescia abastecida pelo dinheiro do café, e era lá

que o pintor queria estar. Viajou pela primeira vez em 1917, com 20 anos, por meio de um emprego como “marcador de dormentes” - em suma, ele fiscalizava a qualidade das toras de madeira utilizadas nas ferrovias.

Pouco depois, conseguiu trabalho na imprensa paulista como desenhista, e logo foi incluído no ciclo modernista em formação. O jovem se aproximou de Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Oswald e Tarsila, com os quais passou a frequentar salões luxuosos da capital -ainda que precisasse trabalhar para garantir o pagamento do aluguel no final do mês, ao contrário dos companheiros. O novo cenário era muito diferente dos recantos suburbanos que lhe serviam de inspiração no Rio.

Apesar da admiração pelos amigos, foi no ciclo modernista que cresceu seu incômodo em relação às diferenças entre classes sociais. “Ele tinha um olhar inconformado com questões de desigualdade social, que os outros modernistas, a princípio, não tinham”, diz Bortoloti.

Mas o desconforto não era grande o suficiente para que Di deixasse de participar ativamente da Semana de 22. “Ele tinha uma malícia carioca, uma forma debochada de encarar o mundo. Mas as principais conquistas da carreira dele foram em São Paulo. Ele tinha um bom trânsito na cidade, e decidiu ficar no meio do caminho.”

O inconformismo político o levou a filiação ao Partido Comunista Brasileiro, em 1926, e o artista foi preso duas vezes durante os anos de perseguição aos comunistas no governo de Getúlio Vargas. “Ele produziu uma obra muito engajada, principalmente na imprensa, com desenhos de greves, operários e líderes sindicais. Na pintura, isso aparece de forma mais lírica”, diz Bortoloti.

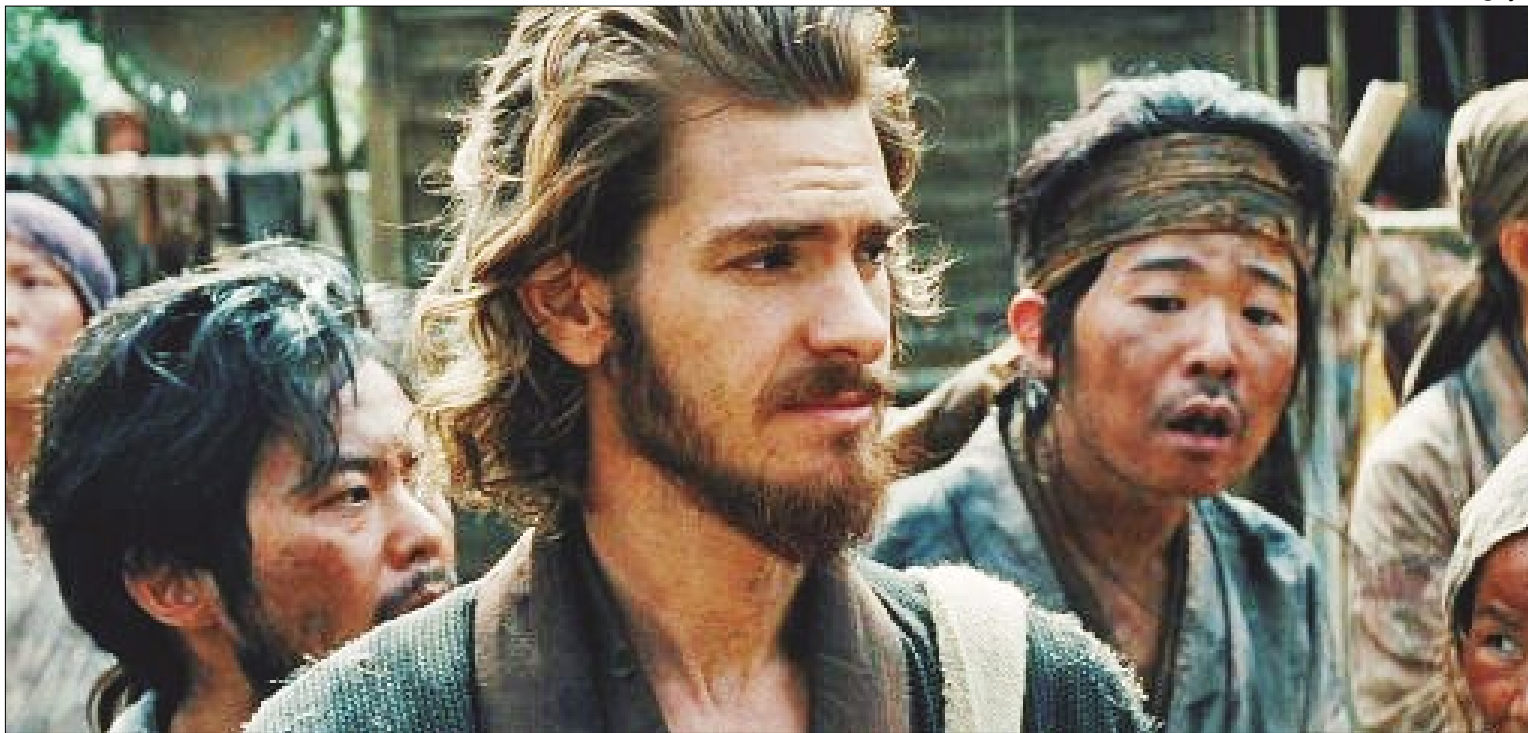
Em 1937, retornou a Paris. Lá, fez sua primeira exposição individual, com 15 pinturas a óleo de alegorias femininas e algumas paisagens brasileiras, possíveis graças aos recortes de revistas com fotos que pedia como correspondência aos amigos.

Se naquele momento firmou seu estilo, o período, que somou as dificuldades financeiras com os ventos da guerra, marcou definitivamente os personagens de suas obras com um semblante melancólico.

Retorna ao Brasil com alguns quilos a mais, que relaciona à maturidade. “De certo modo, a gordura se adquire com a sabedoria, com o correr dos tempos. No meu tempo de magreza, era um agitado, um impertinente, não raro desaforado e desumano”, escreveu em uma carta.

Naquela tarde de outubro de 1976, Glauber sabia que, junto com Di, morria um pedaço do Brasil que precisava ser registrado, acredita Bortoloti. Além de satírico, o episódio é elucidador. Polêmico ou irreverente, jazia ali um homem do século 20.

Divulgação



Em *'Silêncio'*, o padre Rodrigues (Andrew Garfield) vai ao Japão numa busca para salvar seu mentor desaparecido. Filme foi um dos raros fracassos comerciais da filmografia do Martin Scorsese

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Só se fala (e com razão) em “Assassinos da Lua das Flores”, que chega ao circuito brasileiro nesta quinta-feira (19), mobilizando as listas de apostas para o Oscar 2024. A divulgação ampla do western antirracista com Lily Gladstone atrai olhos para outros filmes do mítico realizador, a se destacar uma obra-prima, de 2016, que ficou proscrita, apesar de todo o prestígio do diretor: “Silêncio”.

Há uma semana, o longa-metragem – um fracasso comercial, que custou US\$ 50 milhões e faturou apenas US\$ 23,8 milhões – voltou a ser incensado, com exibições em TVs a cabo e convites para retrospectivas internacionais. É uma redenção para um fiasco. E, em se tratando de uma trama com temática religiosa, redenção é, mesmo, “a” palavra.

Cordeiro de Deus, aquele que tira os pecados do mundo, é, há décadas, o motor imóvel da obra de Scorsese, desenhando sua obsessão pelo sacrifício como um gesto restaurador das relações entre os homens – mesmo relações com base em mecanismos sociológicos, tipo o crime. É do sangue

‘Silêncio’ de Scorsese ecoa forte

Filme proscrito do diretor ganha uma sobrevida na TV e na web

derramado de Travis Brickle que a Nova York de “Taxi Driver” (1976) pode sair do umbral da marginalidade mais rasteira.

É da imolação da amizade de Henry Hill (Ray Liotta) pelos parceiros de máfia que o educaram que a célula mafiosa de “Os Bons Companheiros” (1990) se vê forçada a se redesenhar. É a doação de um menino a um universo de prestidigitação que permite a Georges Méliès uma chance de sair das sombras e assumir seu lugar de gê-

nio do cinema em “A Invenção de Hugo Cabret” (2011).

Por isso, não poderia se esperar outra coisa que não fosse um herói sacrificante de “Silêncio”, uma epifania em forma de filme que Scorsese nos dá de presente de sua imersão no romance homônimo do Graham Greene japonês: o escritor Shûzaku Endô. Tem alguma coisa nele de “O Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), a Bíblia da fé glauberiana, do qual o realizador de “Os Infiltrados” (Oscar de melhor filme e direção em 2007) é fã: há algo do sertão de Glauber Rocha no Japão para os um jesuíta (Andrew Garfield, impecável) vai buscar seu mestre perdido entre uma horda de guerreiros que condena católicos a um mar de torturas (literalmente).

Pela lógica, um cordeiro será oferecido, no temor ou no tre-

mor, ao Absoluto, de modo que a natureza (aquela com “n” minúsculo, a dos homens, da cultura) se harmonize no que pode ser chamado de um tratado de antropologia de 2h40m da mais esplendorosa fotografia que o mexicano Rodrigo Prieto já clicou, ao recriar um século XVII. Não por acaso, ele foi indicado ao Oscar por seu olhar. Fruto de um trabalho de imersão de 25 anos, tempo dedicado pelo cineasta à busca para viabilizar o projeto de filmar Endô, essa produção carrega algo de perpétuo (ou seja, de aortal) na obra de Scorsese: o interesse do diretor pelo perpétuo, pela permanência de certos valores, sobretudo a lealdade, palavra que corre sua obra tanto em ficções como Cassino (1994) quanto em documentários como Shine a Light (2008), sobre a

liga dos Rolling Stones. Se existe algo que o vento não enverga, que o dinheiro não compra, que o sexo não ultrapassa é a condição de ser leal, seja a um amigo (“A Cor do Dinheiro”), a uma causa (“Gangues de Nova York”), a um amor (“A Era da Inocência”) ou, neste caso, a Deus. Ser leal envolve sacrifício. E o padre Rodrigues (Garfield) vai, a duras penas, aprender uma lição que Scorsese já nos dera em “A Última Tentação de Cristo” (1988), ao se debruçar sobre o mito de Judas Iscariotes: nos desígnios de Deus, o traidor algumas vezes é a peça central da fundação da Fé como um bem maior... e coletivo.

No roteiro de Jay Cocks, a relativização será a linguagem imperial: cada certeza que Rodrigues carrega (e nós também) desloca-se para um outro ponto de vista, não um em que ele deva abandonar suas convicções, mas sim um em que ele tenha de aprender a exercitar seus credos de novas formas – mais e melhores formas, melhores para o Outro... e para Deus. Percebe-se à certa altura que não se trata de um filme sobre o exercício da fé, e sim um filme sobre arrogância. A arrogância institucionalizada. Aprende-se isso não dos padres heróicos – a princípio – mas das bestas feras que os acoçam de katanas na mão. Os guerreiros japoneses, vistos numa primeira conexão como animais selvagens, vão nos ensinar, de uma maneira por vezes debochada – como nos prova o genial senhor da guerra vivido por Issei Ogata, na atuação mais dionisíaca do filme – que o ódio nipônico pela fé Cristã não é uma rejeição religiosa nem um ato demoníaco. O repúdio deles é uma forma de prevenção a uma cultura chegada, como eles dizem, “do Oeste”, do Ocidente, e que ameaça jogar por terra tradições nacionais edificadas ao longo de séculos. Ou seja, a questão é, de novo, o perpétuo. O perpétuo da cultura, frente a invasões bárbaras. Só que os bárbaros, neste caso, não são os quem impunham espadas e lançam. São os que erguem a hóstia aos Céus.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Terminada a maratona do Festival do Rio, no domingo, começa a Mostra Internacional de São Paulo, evento já quarentão que, ano a ano, apresenta aos brasileiros imagens libertárias sobre as questões mais urgentes do mundo contemporâneo. Iniciado ontem com a projeção de “Anatomia de uma Queda”, o ganhador da Palma de Ouro deste ano, o festival paulistano põe na roda, a partir desta quinta-feira, uma leva de candidatos a cult. Confira a seguir uma leva de dicas do que que conferir no evento dirigido por Renata Almeida.

A ALEGRIA É A PROVA DOS NOVE, de Helena Ignez: Uma das mais aclamadas realizadoras e atrizes do país, cultuada por sua presença no elenco de “O Bandido da Luz Vermelha” (1968), regressa com um memorial construído com foco numa viagem, feita nos anos 1970, ao Marrocos. Foram nessa jornada sensorial a sexóloga e roqueira Jarda Ícone (a própria Ignez) e o defensor dos direitos humanos Lírio Terron (Ney Matogrosso). Algo do passado dessa dupla segue até hoje.

ZONA CRÍTICA (“Mantagheye Bohrani”), de Ali Ahmadzadeh: Ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno, este thriller iraniano é um dos filmes mais devastadores de 2023. Transgressor nas telas e fora delas, tanto por assumir um traficante como um herói humanista quanto por seu modo de filmagem avesso a autorizações e burocracia, “Critical Zone” (seu título internacional) tem um conteúdo transgressor. Faz uma crônica do dia a dia de um traficante de bom coração, que entrega drogas a pessoas vulnerabilizadas pela vida ou pela opressão governamental – obrigou seu realizador a rodar a trama em sigilo, nas ruas de Teerã. Essa atitude (e a natureza do enredo) pode valer ao cineasta uma condenação legal, fora o fato de as autoridades iranianas rejeitarem qualquer reconhecimento à produção.



Uma Vida de Ouro

LIRA paulistana

Mostra de São Paulo abre nesta quinta o cardápio de sua edição nº 47 com sucessos de público e crítica dos festivais da Europa e da América do Norte apresentando ao Brasil cults potenciais

ANIMAL, de Sofia Exarchou: Ateniense de berço, na ativa desde 2006, a diretora grega mexeu com os brios do 76. Festival de Locarno, na disputa pelo Leopardo de Ouro, ao retratar um universo plasticamente exuberante, porém apodrecido em sua espinha dorsal: o negócio dos ressortes turísticos. A narra o lodaçal que cerca o cotidiano de uma mulher, Kalia (Dimitra Viagopoulou), ligada à indústria grega do turismo.

UMA VIDA DE OURO (“Or De Vie”), de Boubacar Sangaré: Burkina Faso pede passagem na grade da Mostra em grande estilo. Preocupado com os efeitos da mineração sobre a vida de adolescentes que se entregam ao trabalho precocemente, o realizador deste .doc acompanha a rotina de um rapaz de 16 anos em uma mina de 100 metros onde ele se enfia, dia a dia, atrás do sonho de encontrar ouro.

O CASO GOLDMAN (“Le Procès Goldman”), de Cédric

Kahn: O realizador de ‘A Prece’ (2018) revive um dos mais violentos casos de antissemitismo da História ao encenar (em tensão crescente) a corte em que foi julgada a possível (e provável) inocência de Pierre Goldman (1944-1979), autor do livro “Souvenirs obscurs d’un Juif polonais né en France”. Embora tivesse cometido furtos e roubos, Goldman sempre negou ter sido o responsável pelo assassinato de duas pessoas durante um assalto a uma farmácia. A ausência de argumentos concretos sobre sua culpa faz crer em sua inocência. Só que uma ala racista da polícia francesa não pensa assim. O desempenho de Ariah Worthalter no papel principal, em estouros de raiva, humaniza o longa.

EM NOSSOS DIAS (“Woo-Ri-Ui-Ha-Ru”), de Hong Sang-soo: O mais prolífico dos diretores sul-coreanos levou à Quinzena dos Realizadores de Cannes este estudo sobre desconexões. Nele, uma mulher de 40 e poucos anos se vê morando

temporariamente na casa de uma amiga que está criando um gato. Um homem septuagenário que vive sozinho perdeu o gato, que morreu de velhice. Hoje, cada um deles recebe uma visita. Os visitantes chegam com perguntas muito importantes a fazer. A mulher responde brevemente, enquanto o homem mais velho acaba dando longas respostas em uma conversa demorada. É um filme que ritualiza a força poética da palavra.

FOLHAS DE OUTONO (“Fallen Leaves”), de Aki Kaurismäki: Comédia triste laureada com o Prêmio do Júri de Cannes e com o Grand Prix Fipresci em San Sebastián. Seu diretor, o mestre finlandês das narrativas agrídoces, escancara a ferida da Guerra da Urânia de maneira brilhante em seu novo roteiro, sempre propondo uma comicidade agrídoce. Na narrativa, há um rádio sempre com notícias contra a Rússia ligado na casa da protagonista, Ansa (Alma Pöysti). Primeiramente, ela aparece no enredo como funcionária de supermer-



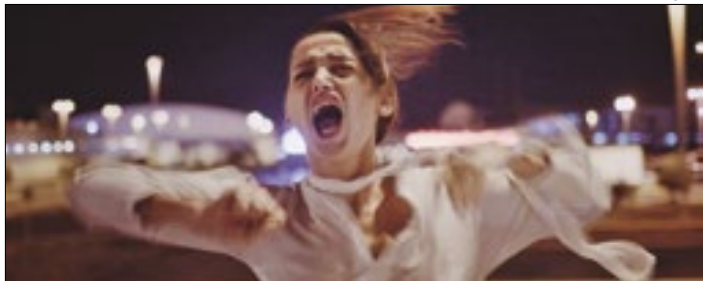
A Alegria é a Prova dos Nove

Divulgação



Não Espere Muito do Fim do Mundo

Divulgação



Zona Crítica

Divulgação



O Livro das Soluções

cado, depois disso, vira faxineira de bar e, por fim, torna-se operária de fábrica. Sua vida é monótona, solitária e embolorada. Até as lasanhas congeladas que compra dão mofo. Mas tudo muda quando ela se encanta por um homem sem nome que conhece num karaokê, vivido pelo brilhante Jussi Vatanen. Ele também se encanta por ela, vive só e carece de um benquerer pra chamar de seu. Seu problema: ele bebe. Muito. O benquerer que brota entre eles será rascante.

NÃO ESPERE MUITO DO FIM DO MUNDO (“Nu Astepta Prea Mult De La Sfarsitul Lumii”), de Radu Jude: É o novo longa do diretor de “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental” (Urso de Ouro de 2021). Ganhou o Prêmio do Júri em Locarno. Sua atriz, Ilinca Manolache, tem um desempenho em estado de graça. Ganhador do Urso de Ouro de 2021 com “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental”, ele volta aos longas com um estudo sobre o sucateamento das

relações laborais, centrado no empenho de uma produtora (Ilinca, brilhante) em filmar pessoas que sofreram acidentes de trabalho. É outro título que aposta no riso.

O LIVRO DAS SOLUÇÕES (“Le Livre Des Solutions”), de Michel Gondry: Quase 20 anos se passaram desde que “Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças” reinventou o amálgama da memória com o querer. Seu diretor, um mito do videoclipe, regressou às telas em maio, via Cannes, para narrar as peripécias de Marc, cineasta bipolar vivido por Pierre Niney. Ninguém na classe cinematográfica o entende. Gondry sabe o que é isso, pois passou por um baque com “L’Écume Des Jours” (2013), de Boris Vian. Sua versão pra telona, “A Espuma dos Dias”, gastou aos tubos e não faturou o que e o quanto esperavam. Mas ele seguiu em campo, regressando agora.

CRIATURA (“Creatura”, de Ele-

Divulgação



Robot Dreams

Divulgação



Um de Nossos Segredos Serão Revelados

Divulgação



Quem Fizer Ganha

na Martín Gimeno: Uma complexa expedição filosófica ao sentimento do tédio, empreendida pela diretora e atriz espanhola a partir da saga de um casal que perde o interesse sexual, apesar do afeto que sente.

UM DIA NOSSOS SEGREDOS SERÃO REVELADOS (“Irgendwann Werden Wir Uns Alles Erzählen”), de Emily Atef: Um dos concorrentes mais belos ao Urso de Ouro deste ano, este drama de tons sensuais se passa em 1990, ao largo da queda do Muro de Berlim. É o último verão na Alemanha Oriental antes da reunificação. Lá, a jovem Maria está prestes a completar 19 anos e mora com o namorado na fazenda dos pais dele. Ela prefere se perder nos livros do que focar na formatura da escola, quando esbarra em Henner, o fazendeiro vizinho. Um toque é tudo o que é preciso para acender uma paixão avassaladora entre Maria e o homem rústico e obstinado com o dobro da idade da garota. Em uma atmosfera repleta

de possibilidades, nasce uma paixão secreta cheia de calor e desejo que devora tudo o que há pelo caminho. A trama é baseada no romance homônimo de Daniela Krien.

O CASTELO (“El Castillo”), de Martín Benchimol: Ganhador do prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián, na Espanha, este drama sobre fantasmagorias sociológicas abriu sua carreira mundial na Berlinale. Ao adentrar o universo da aristocracia decadente, Benchimol faz um estudo das práticas de servidão, ao narrar as transformações na vida de uma mulher, Justina, que ganha da sua patroa um casarão abandonado, sem ter a noção do que vai encontrar por lá.

ROBOT DREAMS, de Pablo Berger: Ímã de lágrimas em Cannes, esta animação do realizador de “Blancanieves” se encontra nas estações do ano em que o cão de vida vazia inspirado em Hoffman quebra sua inércia emocional depois de comprar um robô (dotado de inteligência artificial) para ser seu companheiro de dia a dia. A trilha sonora, com direito a “September”, do Earth Wind & Fire embala a construção do relacionamento deles.

NÃO SOU NADA, de Edgar Pêra: Há uma fotografia estonteante neste thriller psicológico que decorre dentro da cabeça de Fernando Pessoa, e fez sua estreia no Festival de Roterdã. No seu Clube do Nada, habitado por heterônimos, o poeta consegue concretizar todos os seus sonhos. Mas a entrada em cena de uma mulher sofisticada, muito diferente da Ofélia do mundo real, começa a desestabilizar o clube, enquanto o ultrajante heterônimo vanguardista Álvaro de Campos disputa a autoridade de Pessoa de forma violenta. A produção é de Rodrigo Areias.

QUEM FIZER GANHA (“Next Goal Wins”), de Taika Waititi: Apesar do azar de ser dirigido por um dos piores cineastas na ativa na contemporaneidade, oscarizado (sabe-se lá como) por “Jojo Rabbit”, esta comédia antropológica traz Michael Fassbender em seu elenco, e ele salva a pior das bombas. Sua trama fala do terrível time de futebol da Samoa Americana, conhecido por uma partida humilhante, ocorrida em 2001, em que a equipe foi derrotada por 31 a 0. Com a aproximação das eliminatórias para a Copa de 2014, a seleção contrata o rebelde e azarado técnico Thomas Rongen, na esperança de que ele transforme a história do pior time de futebol do mundo.

CORREIO CULTURAL

Jana Linhares em tempo de delicadeza



Jorginho também cantará sambas da Império

Jorginho do Império se apresenta no Teatro Rival

O Teatro Rival recebe nesta quinta-feira (19), às 19h30, o cantor e compositor Jorginho do Império para gravar um projeto audiovisual. Filho do grande Mano Décio da Viola - fundador da Império Serrano -, o sambista montou um repertório de sucessos como “Água no feijão que chegou mais um” (Jorginho do Império/ Ubi-

rajara Rodrigues), “Heróis da liberdade” (Silas de Oliveira/ Mano Décio da Viola/Manoel Ferreira), “E verás que um filho teu não foge a luta” (Aluísio Machado / Arlindo Cruz / Beto Pernada / Índio Do Império/ Lula) e “Na beira do mar” (Graciano Campos). O repertório também terá alguns dos sambas antológicos da sua escola de coração.

Oportunidade

A Sala Cecília Meireles promove no dia 24 a primeira edição do Programa de Inovação na Música de Concerto. O curso oferece um amplo panorama sobre a música de concerto no Brasil, com ênfase nas oportunidades de carreira.

Cultura popular

Neste mês das crianças a Escola de Patrimônio Imaterial do Rio realiza diversas atividades gratuitas nos cinco municípios onde atua (Rio, Paraty, Quissamã, Guapimirim e Magé), entre as quais oficinas de meio ambiente e rodas de jongo.

Viva Ataulfo!

Gigante da música brasileira, o cantor e compositor Ataulfo Alves (1909-1969) será homenageado pelo cantor Makley Matos no Show “Na Cadência do Samba” nesta quinta-feira (19), a partir das 19h, no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana.

Pegou mal

Após cancelar evento de premiação à escritora palestina Adania Shibli, a Feira do Livro de Frankfurt se vê alvo de manifestos públicos de autores de peso e desistências de diversas editoras e instituições, prestes a comemorar sua 75ª edição.

Cantora e compositora se apresenta no Vizinha 123

A cantora e compositora Jana Linhares está com um novo trabalho, o álbum “Tempo de Delicadeza”, cujo repertório será apresentado ao público nesta quinta-feira (19), às 21h, no Vizinha 123 (Rua Henrique de Novaes, 123 - Botafogo). Ingressos a R\$ 30 e R\$ 15 (meia).

“Tempo de Delicadeza” é resultado de um tempo de reflexão e de questionamentos, de uma busca pelo retorno ao sutil, aos valores da alma, à liberdade de ser quem somos sem preocupação com os encaixes sociais. É assim que a cantora define seu terceiro álbum de carreira.

Canções do novo álbum, como “Oshum” (Jana Linhares / Rodrigo Campello), “Quer Que Desenhe?” (Jana Linhares / Suely Mesquita),



Jana Linhares mostra as canções de seu novo trabalho

“Fundamental Spin” (Jana Linhares / Fernanda Rabelo), “Roda da Magia” (Jana Linhares) e “Batendo Minhas Asas” (Jana Linhares / Rodrigo Campello) estão no repertório da noite que ainda inclui peças pinçadas pela artista. Rita Lee é homenageada com a versão de “Luz Del Fuego”, gravada por Jana em “TecnologiAmor” (2014), sua estreia fonográfica. “A Flor e o Espinho” (Alcides Caminha / Guilherme de Brito / Nelson Ca-

vaquinho), que faz parte do álbum “Perto da Lua”, homenagem a Nelson Cavaquinho lançada em 2018, também está na seleção.

No palco, Jana Linhares (voz) vai estar acompanhada por Rodrigo Campello (direção musical, arranjos, programações, baixo synth, guitarra e violão de 7 cordas), Guilherme Gê (teclados e baixo synth) e Marcos Suzano (pandeiro, cuica e bateria eletrônica). A direção geral e o cenário são de Tulio Feliciano.

Repassando a carreira

Simone Centurione/Divulgação



Monique Kessous

Monique Kessous comemora 15 anos de carreira fonográfica autoral com o show “O Meu Som é Seu de Perto”, no Dolores Club nesta quinta-feira (19), às 21h, em apresentação intimista no formato voz e violão, acompanhada pelo irmão e parceiro Denny Kessous.

No repertório, canções conhecidas como os hits “Coração”, “Eu Sem Você” e “Pitangueira” (que fizeram parte de trilhas sonoras de novelas da TV Globo), “Frio”, “S.O.S”, “Meu Papo é Reto” (parceria com Chico César, gravada por Monique com Ney Matogrosso), “Frevô Meio Envergonhado” (gravada também por Elba Ramalho), “Via-

tros autores, que fazem parte de sua trajetória.

“Mais do que nunca, quero dar voz às canções que compus e gravei. Olhar a minha história, ver de onde eu venho e o que eu construí é saber para onde vou; é honrar a minha caminhada, e entender cada vez mais o meu propósito como artista e ser humano. E graças aos meus fãs e às pessoas que vibram na mesma onda do meu trabalho, eu vivo do que eu produzo. É com essa galera que eu quero celebrar este caminhar”, diz a cantora.

O Dolores Club fica na Rua do Lavradio, 10. Ingressos a R\$ 60 e R\$ 40 (venda antecipada).

da” e “Aonde eu For” (em parceria com Denny Kessous), entre outras; além de releituras de canções de ou-

Alessandra Tolc/Divulgação

Em seu álbum de estreia, a cantora e compositora Zilá Lima mergulha na ancestralidade afrobrasileira

Uma viagem musical que tem os ritmos brasileiros e a herança cultural africana como maiores inspirações. Este é o primeiro álbum da cantora, compositora e berimbalista carioca Zilá Lima, “Cantando Memórias” (Kuarup).

Zilá apresenta 13 canções autorais - com produção musical de Celsinho Silva, arranjos de Rogério Souza e músicos como Bebê Kramer (acordeon), Eduardo Neves (flauta), Jefferson Lescowich (baixo), João Camarero (violão 7 cordas), Luis Barcelos (bandolim) e João Lyra (viola), entre outros, que trazem como temas a diáspora africana, as manifestações culturais afro-brasileiras e a espiritualidade, atravessados por ritmos como samba, samba de roda, canção praieira, ijexá e até afro-choro e afro-bossa, criando um caldeirão cheio de tempero musical, que exalta a ancestralidade.

O lançamento será celebrado com show neste sábado (21), às 12h, no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, na Gamboa, com entrada franca.

Outro destaque do álbum é a capa, assinada pelo designer Elifas Andreato e que tem como cerne a figura do pensador angolano, imagem de origem Tchokwe e símbolo da cultura nacional de Angola, que representa a sabedoria, a experiência de longos anos vividos e o conhecimento dos segredos da vida. Andreato, um dos mais tarimbados criadores de capas de discos da MPB, deixou a arte pronta antes de falecer, em 2022, sendo este um dos seus últimos trabalhos.

A maioria das canções de “Cantando Memórias” foram compostas primeiro com o berimbau, instrumento que acompanha Zilá desde muito cedo, quando aos 12 anos, começou a praticar capoeira e a conhecer suas tradições, rituais e cantigas. Foi a capoeira que a levou a compor, inspirada pelas histórias que a sua mãe, nascida e criada na região onde se situava o Quilombo dos Palmares, em Alagoas, contava, nutrindo a artista com memórias ancestrais e histórias de escravizadas passadas por gerações.

“Desde menina sinto uma grande necessidade de me fazer presente nas lutas antirra-



Os orixás das religiões de matriz africana aparecem com frequência em ‘Cantando Memórias’, álbum autoral que marca a estreia fonográfica de Zilá Lima

Um chamamento à memória

Divulgação



cista e pela liberdade religiosa. Encontrei na música o melhor jeito de passar esta mensagem. Esse disco é parte da minha vontade de transformar em poesia e som, as histórias que sempre ouvi e que me nutriram de amor e de respeito pela cultura originária africana”, afirma a artista, que também integra a Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil, da OAB-RJ, e que também é servidora

do Arquivo Nacional.

“Flor D’Água”, um “afro-choro” em parceria com Saulo Ligo, fala sobre o encontro com a própria essência, a ancestralidade e sobre o necessário mergulho interior para que o melhor possa emergir. A canção, escolhida para ser a música de trabalho, também faz referência à Iabá Oxum, que tem seu dia comemorado na data do lançamento do álbum.

Os orixás das religiões de matriz africana aparecem com frequência em “Cantando Memórias”, bem como recortes afetivos e históricos de memórias do povo negro. “Foi no Valongo”, por exemplo, apresenta uma narrativa sobre a história do Cais do Valongo, na Zona Portuária.

“No álbum, chamo a atenção para a riqueza cultural afro-brasileira. Também reveleio as religiões de matriz africana e suas importantes figuras e entidades, além de heroínas e grandes mulheres da nossa história. Sinto que trazer à luz o que nos foi negado na escola é uma importante missão”, explica Zilá.

Outro destaque do disco é a faixa “Saudade”, uma “afro-bossa” que relembra a trajetória da rainha africana Nzinga Mbandi Kia Mbandi, conhecida como Rainha Ginga,

além da música “Conceição Evaristo”, que homenageia a premiada escritora e uma das heroínas da luta antirracista.

Do início ao fim, “Cantando Memórias” propõe uma espécie de viagem, que começa com a primeira faixa, “Ô de Casa”, um samba de roda que remete à travessia atlântica África-Brasil, e que termina com “Vou Voltar Pra Angola”, samba que descreve o sonhado retorno. A faixa-bônus “Mãe África” é um ijexá que homenageia a África como a mãe do mundo, onde a humanidade surgiu, encerrando a viagem musical proposta pela artista e homenageando importantes mulheres negras de todos os tempos.

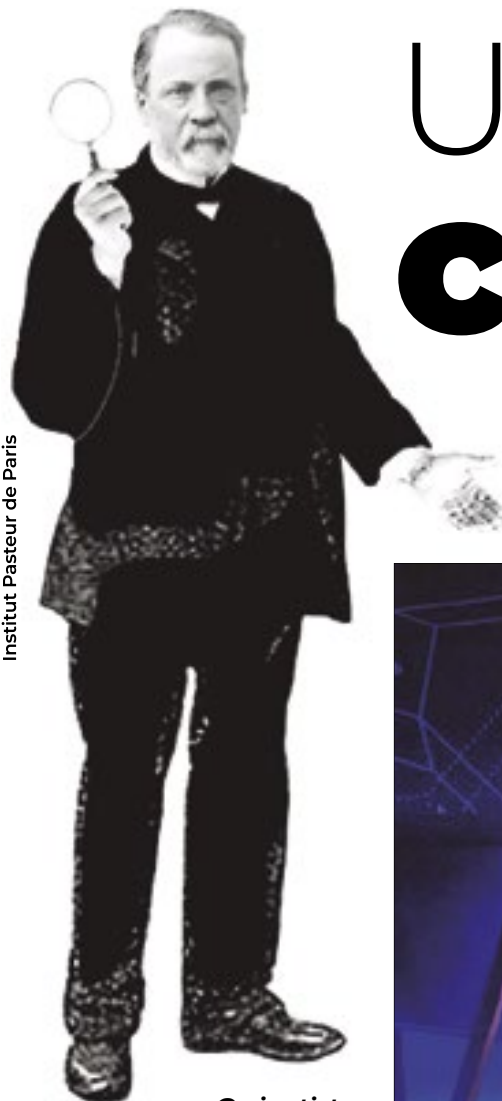
Apesar do ritmo alegre na maioria das músicas, o álbum traz potentes reflexões em suas letras. “É um disco com muito samba e ritmos brasileiros. As músicas, além de trazerem mensagens positivas, propõem reflexões intensas sobre a história do povo negro e as nossas heranças culturais. É um convite a dançar, a ser feliz e também a refletir. É um chamamento para nos engajamos na luta contra o racismo, a favor da liberdade religiosa e pelo direito de todos conhecerem a verdadeira história africana e afro-brasileira”, defende Zilá.

Um legado de conhecimento

Exposição interativa sobre a trajetória do cientista Louis Pasteur, uma atração para todas as idades, faz sucesso no Rio

Renata Teixeira/Divulgação

Institut Pasteur de Paris



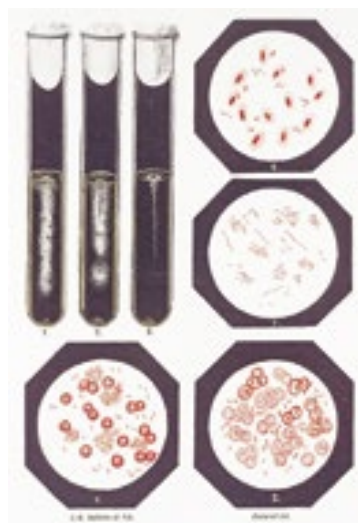
O cientista Louis Pasteur é tema de exposição interativa em Paris



A exposição que chega ao Rio foi realizada anteriormente em Paris, pela Universcience e é dedicada à vida e às contribuições de Louis Pasteur para a ciência - em especial para a farmácia e a medicina

Até 3 de dezembro, o Rio recebe a exposição “Pasteur, o Cientista” que apresenta ao público de forma divertida e interativa, com projeções, experiências e videomapping, as descobertas do cientista francês Louis Pasteur (1822-1895). Gratuita, interativa e para toda a família, a mostra ficará em cartaz na Fábrica de Espetáculos, na Saúde, ao lado do AquaRio.

Concebida e realizada originalmente pela Universcience (órgão ligado ao Ministério da Cultura da França), a mostra é uma celebração à vida e à obra de Louis Pasteur, cientista revolucionário em muitos campos e símbolo da vacinação, por ter descoberto a vacina antirrábica. E, principalmente, um defensor da ciência.



Prancha bacteriológica

Estudou germes, vírus, fungos e demais “seres infinitamente pequenos”. Lidou com vinho, leite, animais de pasto e seda. Estabeleceu novos paradigmas para as ciências e novos procedimentos, inclusive para a Medicina – foi a partir dessas descobertas, por exemplo, que médicos passaram a valorizar a assepsia nos cuidados com doentes. Antes disso, era comum que os profissionais de saúde sequer lavassem as mãos nos atendimentos.

Pasteur não foi o primeiro nem o único a criar uma vacina,

mas sua pesquisa e a aplicação da antirrábica o transformou em símbolo da imunização. Era um cientista com visão aplicada: trabalhou na pesquisa ligada à indústria e a atividades econômicas importantes, aperfeiçoando métodos de cultivo e processamento de indústrias importantes como as do vinho, da seda e de animais de corte. Resolveu problemas logísticos – seu nome batiza o processo de conservação de alimentos batizado como pasteurização – e salvou atividades econômicas prejudicadas por

pragas.

Durante o período que estiver em cartaz, haverá um posto de vacinação na exposição, para que a população em geral possa atualizar sua carteira.

SERVIÇO

LOUIS PASTEUR, O CIENTISTA
Fábrica de Espetáculos (Av. Rodrigues Alves, 323 - Saúde)
Até 3/12, de terça a sexta-feira (9h às 17h), sábados e domingos (10h às 18h)
Entrada franca